



AS VOZES DO DISCURSO MARGINAL NO CONTO FELIZ ANO NOVO DE RUBEM FONSECA

Larissa Camargo Castro Alves Muranaka¹ (PGLETRAS/ UEMS)

Lucilo Antonio Rodrigues² (Orientador/UEMS)

Introdução

O conto “Feliz ano novo” foi publicado em 1975 pelo escritor Rubem Fonseca. O título carrega uma metáfora utilizada pelo autor, pois de início, pressupõe-se que o conto narrará a festa de ano novo em si, os momentos de alegria comemorados neste dia, enfim, tudo o que acontece no fim do ano. Porém, a festa do ano novo acontece, mas os momentos não são de alegria e sim de medo, pânico, pavor, violência, tristeza por parte das pessoas que estão na mansão e presenciam o momento do assalto e dos assassinatos e crueldades cometidas por Pereba, Zequinha e pelo personagem-narrador que também participa desta cena. A comemoração desta festa tão divulgada pelos meios de comunicação em massa acontece no apartamento do narrador, onde ele e os colegas após pegarem joias, toalhas de luxo e comida festejam essa data reunidos e o narrador ainda finaliza o conto dizendo: “Que o próximo ano seja melhor. Feliz ano novo”. (F. A.N. 2001, p. 340).

O conto é narrado em primeira pessoa cujo narrador em todo o texto não é identificado, só são apresentadas no conto algumas características do mesmo, vejamos: “Pereba sempre foi supersticioso. Eu não. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada”. (F.A.N. 2001, p. 334). Nota-se que o narrador personagem se vangloria dizendo que só ele sabe ler e escrever e ao mesmo tempo menospreza o Pereba que não tem esse conhecimento prévio. O narrador personagem do conto também é considerado um anti-herói, pois é uma pessoa cheia de defeitos, e representa na sociedade os ladrões, assassinos,

¹Discente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Campo Grande.

²Doutor em Letras pela UNESP/IBILCE São José do Rio Preto. Atualmente é docente da UEMS na unidade de Paranaíba, atuando também no programa de Pós-Graduação em Letras da unidade de Campo Grande e do mestrado profissional em rede (PROFLETRAS).

estupradores que vivem em função da violência. Estes seres ocupam-se à margem da sociedade e é por meio da violência que eles se inscrevem nela.

O autor retrata por meio do conto personagens como os ladrões são pessoas frias, não tem dó, piedade e muito menos se preocupa com alguém, caracterizando claramente a banalização da violência inscrita no período histórico vivenciado da época.

A naturalização do discurso marginal

A presente proposta de investigação analisa historicamente o meio ideológico no qual Rubem Fonseca está imerso ao criar *Feliz Ano Novo* é a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), caracterizada pelo autoritarismo, pela violência e pela censura, orientadas pela Doutrina de Segurança Nacional, a qual previa o combate aos supostos subversivos como uma meta imprescindível.

De acordo com a Doutrina, todas as medidas arbitrárias eram necessárias para o combate ao perigo comunista, avalizando, então, sob a ótica governamental, a tortura e a censura, e criando – especialmente após o Ato Institucional nº 5, de 1968 – uma “cultura do medo”, na qual todos eram potenciais subversivos.

Ao mesmo tempo, em sua diretriz econômica, a Doutrina previa o desenvolvimento do capitalismo associado e dependente do estrangeiro, aprofundando as desigualdades sociais.

A narrativa objeto de análise deste estudo integra a coletânea intitulada *Feliz Ano Novo*, a qual se compõe de 15 contos em que a violência urbana ocupa posição destacada. No ano de sua publicação, 1975, foi totalmente censurada pelo Departamento de Polícia Federal sob a alegação de exteriorizar matéria contrária à moral e aos bons costumes.

Em *Feliz Ano Novo*, no Rio de Janeiro, três jovens pobres encontram-se no apartamento, mais conhecido como um “cafofo”, do narrador-personagem, sem dinheiro, sem comida, sem água, fumando maconha e vendo televisão na noite de 31 de dezembro. Decidem sair pela cidade e assaltar uma casa de gente rica em meio à comemoração do Ano Novo. Durante o assalto, matam quatro pessoas, defecam na cama e nos lençóis, comem a ceia, roubam joias e relógios e estupram uma mulher. Retornam ao apartamento e celebram o Ano Novo. Observa-se um pequeno trecho com a voz do narrador-personagem:

Acendemos uns baseados e ficamos vendo a novela. Merda. Mudamos de canal, prum banguê-banguê. Outra bosta.

As madames granfas tão todas de roupa nova, vão entrar o ano novo dançando com braços pro alto, já viu como as branquelas dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?

Pena que não tão dando para gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.

Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.

Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido. (FONSECA, 2005, p. 14).

O fragmento representa a miséria das personagens em nítido contraste com a alta sociedade, a desigualdade social cruamente exposta. Além disso, percebe-se que os protagonistas são negros pela maneira com que falam das “madames”, ou seja, “branquelas”, além da identificação de Pereba como negro.

É sabido que a miséria, no Brasil, historicamente assola com maior intensidade a população afrodescendente, em comparação com a branca, conforme dados de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, inclusive na atualidade. Nesse diálogo, há elementos que se enquadram nas temáticas passíveis de censura: o uso de drogas, a linguagem obscena e, sobretudo, a saliência da desigualdade social.

Na sequência da narrativa, durante o assalto de uma casa em que estavam 25 pessoas comemorando a passagem de ano, depois do primeiro homem ser morto com um tiro no peito:

Você aí, levante-se, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos.

Por favor, o sujeito disse, bem baixinho.

Fica de costas para a parede, disse Zequinha.

Carreguei os dois canos da doze. Atira você, o coice dela machucou meu ombro. Apoia bem a culatra senão ela te quebra a clavícula.

Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira. (FONSECA, 2005, p. 20)

O desafio com um tom sarcástico de brincadeira entre os assaltantes consistia em saber se um homem ficaria pregado na parede com uma descarga de uma arma de calibre 12. Escolhem aleatoriamente, sem nenhuma autorreprovação ética, um rapaz e o assassinam, inclusive comentando o narrador-personagem que foi “lindo”.

Efetivamente, a narrativa choca pela simplicidade crua com que representa o assassinato, a violência gratuita, banal e a completa desumanização dos assaltantes. Acredita-se que a intenção do escritor é a de instigar à reflexão sobre a banalização da violência e a desumanização dos indivíduos. – formação discursiva marginal.

Como já mencionado acima, o conto *Feliz Ano Novo*, constitui-se como um objeto-signo que reflete o meio ideológico do período militar, sobremaneira a violência urbana. O faz, de modo crítico, articulando forma e conteúdo na produção de um sentido capaz de propiciar a reflexão crítica do leitor acerca da banalização da violência.

Ao censor, há temáticas passíveis de censura, desde o uso de palavras obscenas, passando pelo uso de drogas e chagando aos crimes: assassinato, roubo e estupro.

Na medida em que os personagens não recebem punição pelos seus atos na narrativa, uma leitura de superfície pode enquadrar o conto como ofensivo à moral e aos bons costumes por instigar ao crime, como, possivelmente, o fez a censura da época, baseando-se nas leis censórias da época.

Verifica-se ainda que o foco narrativo em primeira pessoa neste conto concentra em seu personagem central/narrador-eu, e a visão do real como ele só pode ser visto, ou seja, dentro de sua própria subjetividade.

Esta concentração enseja a configuração nítida de uma postura ideológica assumida pelo sujeito da enunciação, dentro do seu mundo conflituoso, eis que o narrador-eu, e apenas ele, desenha oposições conflituosas nas contradições sociais, por conhecê-las e não se conformar sobre elas.

Já no ponto de vista do papel da linguagem na formalização dos conteúdos ideológicos assinaladas neste conto, verifica-se que a linguagem foi empregada como forma de se recriar um real caracterizável, ou seja, com o fim de criar uma realidade convincente, desprovida de qualquer abstração no plano dos fatos, recriando-se assim, clareza nas cenas.

Não se pode deixar de observar a singularidade presente no conto: a instauração do mundo da classe marginal através de sua linguagem própria. Munidos de um linguajar popular e cheio de gírias os três "bandidos" presentes na narrativa fazem parte da ação a qual se passa em tempos atuais no Rio, com as devidas vicissitudes das grandes metrópoles que dia a dia, conforme o progresso, mas desumanizam o homem, já então desumanizado nas favelas e nas camufladas favelas - os conjuntos residenciais de baixa categoria.

Importante salientar que o contexto no qual os personagens estão inseridos qualifica a liberdade expressão, na qual o sujeito é munido de questionamentos críticos acerca do meio em que está inserido.

Há uma tomada da consciência humana, retirando toda e qualquer expectativa para a humanidade, ou seja os indivíduos não veem a esperança de um futuro promissor e igualitário, muito pelo contrário, começam a vislumbrar um futuro de terror, onde só há desgraças e desigualdades. Não há mais a idealização da perfeição, mas sim do horror.

Convém esclarecer que os discursos da periferia brasileira estão deslocando as fronteiras que mantinham intactas a concepção de identidade nacional una e suplementado as narrativas pedagógicas. E para que o discurso marginal se torne sujeito e objeto da cultura e ocorra alteração do imaginário cultural, é necessário resgatar a memória performática em ruínas. Deste modo, torna-se crucial estabelecer um diálogo com Homi Bhabha.

Observemos então, a declaração do crítico:

O enunciado marginal e marginalizado ergue novas fronteiras - limiar que permite a permeabilidade, o intercâmbio, o trânsito revelador de elementos culturais que garantem a especificidade da nação. Essa noção de fronteira permite-nos pensá-la em relação ao diálogo entre as culturas, simbolizando a passagem, o deslocamento dos discursos para a construção de um enunciado novo, isto é, de uma cultura híbrida, que represente o pobre, o mestiço, o negro, o excluído, o marginal (BHABHA, 2005, p. 219).

Portanto, o discurso marginal que dá origem à Literatura Marginal, é um movimento vindo da periferia, onde os sujeitos que compõem esse espaço, denunciam através da arte, o meio degradante em que vivem. "Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não tem espaço". (FERRÉZ,2014).

A voz do sujeito marginalizado presente no conto

Pode o marginal falar? A partir desse questionamento, é nos permitido analisar a violência exposta pelo olhar do outro; o leitor remete-se a olhar a realidade através da perspectiva de quem cometeu o crime, e questionar-se onde está o crime de fato. Quem lê o conto por muitas vezes pode demonstrar uma impotência diante da realidade vivenciada, porque não pode muda-la nem transforma-la.

A voz do marginal causa choque, porém, é retratado um narrador que se preocupa com a compreensão e participação na realidade nacional, e com a consciência dos problemas das grandes cidades. O narrador aproxima-se do leitor, pois parece se interessar com o outro.

O realismo carregado de humor “negro” atenua e banaliza a violência que se faz presente no decorrer do conto; e a ofensa às instituições, através da exposição da falta de segurança, certamente foram um dos motivos pelo qual Feliz Ano Novo foi censurado.

Ressalta-se ainda que, embora o conto tenha sido escrito no ano de 1975, quem o lê, possui a visível sensação de que essa história se passa nos dias de hoje; a realidade nua e crua apresentada de certa forma a levantar dúvidas se trata ou não de um exagero; a linguagem que choca, mais até que a situação em si.

Por outro lado, não se pode deixar de afirmar que as emissoras de televisão, ainda nos dias atuais, enfatizam que a felicidade está nas aquisições de bens, e como consequência, o que acontece no interior dessa sociedade, não é um desejo de mudar o mundo, mas ser incluído nele. Inserir-se no mundo do consumo significa uma inserção nessa sociedade, que cada vez mais abre espaço para lutas individuais, pois o consumo nada mais é que uma prática individual, e consiste em uma luta entre os indivíduos.

Do próprio título do conto até o desenrolar da história, faz-se uma analogia que revela uma grande ironia com o leitor, que só descobre isso no decorrer do conto. O leitor percebe que o feliz ano novo pode não ser tão feliz assim. A escolha do autor pelo réveillon para retratar a desigualdade mostra a maestria de Fonseca, pois a maioria das pessoas acredita que, pelo menos na virada do ano, todos estejam celebrando, se esquecendo por óbvio, da classe marginalizada que luta por “um lugar ao sol”.

Não há somente o relato de uma época marcada pela falência das instituições e das grandes esperanças, mas retrata o sobrevivente dessa época: são bandidos e empresários, marginais e pivetes, travestis e detetives que buscam usufruir da situação, sem trunfo nem vitória, mas apenas para sobreviver. E essa é mais uma manifestação da violência que está presente nos textos fONSEQUIANOS, e segundo Cerqueira (2006, p.26):

Na narrativa fONSEQUIANA a violência é o lugar de enunciação, não agindo em prol do discurso, mas sendo-o de forma que o descrédito em relação às instituições, bem como a inutilidade das grandes esperanças seja lugar de posição crítica da ficção, e que estes passos da descrença sejam evidenciados nas várias manifestações da violência inseridas nas sociedades contemporâneas. A truculência que permeia os textos deve ser encarada como ponto crítico em que a sociedade inclina-se sobre suas próprias chagas.

Rubem Fonseca expõe com maestria a realidade e dá voz a quem não tem voz na sociedade. Olhar a situação pelo olhar do outro é o que causa impacto no leitor, e pode-se até afirmar que sugere uma banalização do crime. Ocorre que a reflexão dessa banalização vem ao encontro da realidade vivenciada por nós, pois a banalização já existe em todos os lugares e em todas as esferas. A banalização da violência estava não somente nas ruas, mas dentro das instituições governamentais (corrupção, coerção, tortura). A classe média não tem caminho, ela tem que acreditar na ideologia burguesa.

Analisando atentamente as citações do narrador no decorrer da narrativa, é possível afirmar que as suas citações são com o máximo de liberdade, o que jamais era permitido naquela época.

Na medida em que os personagens não recebem punição pelos seus atos na narrativa, uma leitura de superfície pode enquadrar o conto como ofensivo à moral e aos bons costumes por instigar ao crime, porém, a intenção do autor foi a de materializar através da obra, a desigualdade social, a violência e a sexualidade explícita arraigada no contexto histórico da época.

Por fim, é observável que os personagens do conto apresentam a característica de isolamento frente às situações que se oferecem; é a personificação clara do sujeito marginalizado. Nesse particular, enquanto a mídia tenta passar a ideia de que as populações periféricas são excluídas e marginalizadas, Rubem Fonseca explora a marginalização existente em todos os âmbitos da sociedade. Tanto na classe média e na classe mais abastada, os sujeitos estão à margem das instituições, praticam, e também são alvos de violência.

Resultado/Discussão

O autor revela, de maneira naturalizada, a violência que está arraigada em nossa sociedade devido ao aumento das contradições sociais, sobretudo nos grandes centros urbanos do Brasil, a partir da década de 70.

Além de apresentar essa nova visão da realidade social, Fonseca leva o leitor de suas obras a pensar criticamente sobre a situação dos oprimidos, a animalização dos indivíduos em uma sociedade altamente consumista, bem como refletir sobre os atos de violência que são muitas vezes erroneamente vistos como parte natural do sistema e da natureza humana, configurando-se, cada vez mais, como um evento banal.

Não é demais afirmar que há a incidência de formações ideológicas marcantes no conto, posto que aparece na narrativa a dicotomia rico/pobre com uma polaridade desta última, ou seja, uma classe marginalizada que recorre à violência para sobreviver.

Observa-se ainda que há uma formação discursiva histórica, retratando elementos de ordem social, o espelhismo de uma situação de violência, uma maneira pela qual o escritor acaba reproduzindo a mesma violência do sistema. Há a incidência ainda da formação discursiva marginal que representa a classe considerada excluída da sociedade brasileira.

Pode-se dizer então que o conto retratou a realidade cotidiana, os fatos como realmente os são, sem máscaras, banalizando o cotidiano através da linguagem. Portanto, "Feliz Ano Novo" deixa cravado algumas marcas que persistem na literatura contemporânea como a presença do individualismo, linguagem violenta, personagens sem identidade, desigualdade social, influência dos meios de comunicação de massa.

A opressão social retratada na narrativa suscita diversos questionamentos que incitam o leitor a repensar a desigualdade social e o porquê das atitudes desses marginais que agem friamente sem qualquer tipo de pudor, compaixão ou remorso, refletindo claramente a brutalidade de um sistema que exclui o sujeito marginalizado.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução Michel Laudet al. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. A violência como discurso em Feliz Ano Novo de Rubem Fonseca. *Revista de estudos literários - Terra Roxa*, v. 15, 2009.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Objetiva, 2000.
- FONSECA, Rubem. *Feliz Ano Novo*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2005.
- GASPARI, Élio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1970.